



A FIGURA “FILTRADA” DO TEXTO DOS EVANGELHOS. EXISTE ENTRECRUZAMENTO ENTRE O JESUS HISTÓRICO E A FIGURA DE JESUS CRISTO?

The “filtered” figure from the text of the Gospels. Is there an intersection between the Historical Jesus and the figure of Jesus Christ?

Hudson Silva Lourenço*

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

DOI: 10.29327/256659.16.1-8

RESUMO:

Neste artigo, busco tratar da questão levantada no título: “Existe entrecruzamento entre o Jesus histórico e a figura de Jesus Cristo?”. Para isso, abro mão, indiretamente, de uma longa literatura teórica mais recente sobre o tema, utilizando, neste estudo objetivo, uma escrita menos técnica e mais descritiva, embora abordando importantes fundamentos teóricos que nos ajudarão a compreender o “limite” epistemológico entre ambos, ou seja, entre o físico e o metafísico. Dessa forma, centramos nossa discussão na figura “filtrada” dos textos dos Evangelhos, a qual pode ser aferida com base em conceitos histórico-filosóficos críticos aplicados aos textos dos Evangelhos. Estes se referem a Jesus Cristo, uma figura recoberta por dogmas e distanciada da humanidade de Jesus, mas que possibilita suas reconstruções acadêmicas.

Palavras-chave: Jesus histórico; Jesus Cristo; Físico; Metafísico.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde desenvolve pesquisa sobre o Jesus Histórico. Suas áreas de interesse incluem Teoria Antropológica, Antropologia e História, com ênfase na História da Antropologia Brasileira; História Antiga; Religião e Ciências Sociais. E-mail: HUDSON_HISTORY@UFRRJ.BR

INTRODUÇÃO

Pode-se apontar, em primeiro momento, ao tratar do que considero como “limite” epistemológico para a produção de conhecimento histórico sobre Jesus, que o principal interesse deste estudo não está estritamente relacionado à história da teologia, à teologia da história, ou talvez à reconstituição do cristianismo primitivo. Em vez disso, o foco está no que considero um suposto “entrecruzamento” entre o Jesus histórico¹ e o Jesus Cristo², um vantajoso intercâmbio epistemológico que, com base na figura tradicional da teologia, produz uma história que se opõe a ela, uma que não é de corrente religiosa. Através desse processo, tem-se, na verdade, uma história e uma figura histórica “filtradas” do relato sobre Jesus contido nos textos dos Evangelhos, os quais são tradições de Jesus desenvolvidas no seio das primeiras comunidades cristãs.

Assim, tomando esta matriz, adentramos um terreno “espinhoso” (aos olhos da comunidade religiosa), que é a historicidade de Jesus conferida à pesquisa científica, que por um lado sustenta tal empreendimento acadêmico. Todavia, inevitavelmente, pode-se dizer que existe um não-diálogo entre historiadores e teólogos. As reconstruções científicas pelo âmbito histórico frequentemente expressam uma fantasiosa “vida” conjecturada de Jesus, que além de ser acessada de forma descuidada, ou seja, sem preocupação com a possível afetação do objeto caso fosse religioso, não se limita às várias vertentes que lhe conferem uma humanidade a partir de presunções e possibilidades através da pesquisa histórica sobre Jesus e a realidade histórica na qual ele supostamente viveu.

Por outro lado, o que a teologia faz pouco importa para a suposta humanidade de Jesus, uma vez que existe uma reserva herdada de uma tradição religiosa dessa comunidade. Em vez de consultar vertentes históricas para “localizar” esse Jesus supostamente perdido e obscurecido pela história e pelo tempo, ele já está mais do que revelado de forma acientífica nesse contexto. Não há, portanto, necessidade de falar ou tocar o passado quando algo é tão real no presente, excluindo qualquer possibilidade que possa reconstruir de forma imparcial e

¹ Jesus histórico refere-se “[...] ao Jesus que podemos resgatar, retomar ou reconstituir, utilizando os instrumentos científicos da moderna pesquisa histórica. Considerando-se o estado fragmentário de nossas fontes e a natureza muitas vezes indireta dos argumentos que devemos usar, este “Jesus histórico” será sempre um constructo científico, uma abstração teórica que não coincide, nem pode coincidir, com a realidade plena do Jesus de Nazaré que de fato viveu e trabalhou na Palestina no primeiro século de nossa era” (Meier, 1992, p. 11). Em síntese, tecnicamente, Jesus histórico refere-se ao saber cientificamente sobre Jesus.

² A base do cristianismo.

“prejudicada” a figura única e venerada do Cristo da fé, o salvador da humanidade segundo a comunidade cristã.

Logo, o principal interesse dessas áreas, ou seja, do estudo científico e religioso sobre Jesus, está mais do que sinalizado. Em outras palavras, diríamos que o Jesus histórico, o físico, ficou com a História, e o Jesus Cristo, o objeto de fé, o metafísico, com a Teologia. A finalidade de ambos é facilmente compreendida quando amparada por referenciais teóricos e diversas opções metodológicas que são caras para a pesquisa acadêmica em busca da historicidade de Jesus, seja pela História, pela Arqueologia ou pelas Ciências Sociais. Quanto ao Jesus Cristo, para a Teologia, ele é o núcleo da fé cristã, portanto, não seriam as fontes históricas e um longo estudo crítico de nível acadêmico capazes de lhe conferir uma verdadeira história, pois ele não é visto com base em documentos históricos, mas sendo absolutamente independente de sua historicidade. Sua real história está nos textos bíblicos, especificamente nos Evangelhos, e em Sua fé, que está acima de qualquer conjectura ou realidade ideal.

Para encerrar esta parte, o que estou querendo demonstrar é que o Jesus histórico e o Jesus Cristo são tão antagônicos um do outro quanto equivalentes ao mesmo tempo. É como se um fosse “extraído” do outro e ambos se autocontribuíssem a fim de estabelecer as possíveis diferenças e o terreno ocupado pelo outro. Todavia, embora haja tal ligação entre eles, é no contexto acadêmico que se acentuam, ou melhor, se estabelecem suas diferenças epistemológicas.

À vista disso, apontamos que o Jesus Cristo, encoberto pelos dogmas e crenças da igreja, o *Kerigma*³ da igreja, é cultivado em virtudes segundo as perspectivas religiosas e espirituais, a fim de fortalecê-lo e talvez reafirmá-lo como o Filho de Deus crucificado e ressuscitado ou, conforme as escrituras sagradas, como “O Verbo que se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade [...]” (Evangelho de João, 1:14). Sendo assim, entende-se que a comunidade religiosa cristã acredita que Jesus Cristo traduz aquela figura relatada nos textos dos Evangelhos, que é transmitida desde o cristianismo primitivo por meio de credos e dogmas, perpassando inúmeras e distintas gerações.

Dentre esses pressupostos está o Jesus histórico, um termo que carrega consigo conceitos histórico-filosóficos críticos, característicos da pesquisa científica aplicada à figura bíbli-

³ O querigma (*Kerigma*) é o Jesus anunciado pelos Evangelhos, ou seja, a proclamação do cristianismo como lembra Meier (1992, p. 37).

ca de Jesus Cristo. A convicção é que seja possível rastrear o Jesus “pré-Cristo”, o Jesus dito verdadeiro, o físico, aquele homem que é o real motivo para a existência da figura de Cristo. Esse Jesus estaria diluído nos textos dos Evangelhos, sob diversas camadas de espiritualidade, dogmas e tradição da igreja. Logo, era necessário “filtrá-lo”, de modo a “extrair” aquele homem real que outrora fora transformado em produto de fé pelos apóstolos e pelas primeiras comunidades cristãs.

Na realidade, a esperança era encontrar um Jesus real “diferente” daquela figura criada pela fé e pela teologia. Contudo, não se esperava deparar-se com um Jesus cuja ligação fosse mais direta e interna entre ambos. A maior diferença entre eles se dá em termos científicos; todavia, o princípio investigativo de ambos é o mesmo, baseado nos relatos contidos nos textos dos Evangelhos.

De um lado, o Jesus histórico é um produto passível de inúmeras e distintas reconstruções acadêmicas, fruto de diversas perspectivas de pesquisadores e pesquisadoras que partem de metodologias e objetivos distintos, a fim de conjecturar quem ele supostamente foi e o que fez, em qual contexto social esteve inserido, e com que tipo de pessoas ele esteve próximo em sua humanidade. Do outro lado, está o Jesus Cristo, o produto de fé, cuja figura religiosa em nada se aproxima ou traz evidências sobre a humanidade de Jesus.

A questão principal que permeia este artigo é o que chamo de “entrecruzamento” entre o Jesus histórico e o Jesus Cristo, algo que está além de uma simples interseção, mas sim de um certo distanciamento entre ambos no âmbito acadêmico, que visa de fato estabelecer fronteiras entre a ciência e a religião, ou seja, entre o estudo de nível acadêmico e as crenças religiosas que estão em torno do produto da fé.

Tal entrecruzamento entre o Jesus histórico e o Jesus Cristo é considerado, a rigor, apenas quando debatido dentro dos estudos históricos. Isso porque, para esta área do conhecimento, as discussões são inúmeras e possíveis sob diversas e multifacetadas perspectivas, e porque se busca, nessa área, não separar estritamente o Jesus histórico do Cristo da fé, no sentido de admitir ao primeiro eventos da vida humana que são descritos sob a figura de Jesus Cristo, segundo a fé cristã. Já nos estudos teológicos, geralmente, a figura dita “histórica” sequer recebe menção, o que não deve ser esperado em um estudo de teor teológico.

Não que isso seja impossível, talvez até seja, no entanto, melhor é que a figura religiosa central do Cristianismo tenha palco nos contornos da Teologia Cristã, onde encontra-se a fé⁴.

Entrementes, imagino que o meu leitor desfamiliarizado consiga se integrar às palavras deste texto e não tenha dificuldade em captar o que estou desenvolvendo através delas. Minha preocupação com a escrita não técnica, em determinados momentos, é justamente para esse público interessado na temática, daí essa introdução mais descritiva. Por outro lado, também diálogo com aqueles que já estão habituados a ler estudos que abordam essa temática, embora não sob esta perspectiva.

Ademais, a questão do entrecruzamento entre o Jesus histórico e o Jesus Cristo, que insisto tanto em mencionar aqui, pode ser caracterizada como um tema bastante complexo e em alta, ou seja, ainda debatido dentro dos estudos teológicos e históricos. Contudo, é também um tema que apresenta “deficiência” interpretativa, pois, na maioria das vezes, ao mencionar o termo “Jesus histórico”, muitas pessoas pensam que se refere ao Cristo ou acreditam que são diferentes em suas essências. Ou, quando não, distanciam um do outro, fazendo uma espécie de separação para demarcar dois pólos que, na verdade, são encrustados, ou seja, unidos um ao outro.

Ficou claro que o termo “Jesus histórico” se refere à figura de Jesus de Nazaré, com seus traços demarcados com base em evidências históricas, mas também textuais. Essa figura histórica, independentemente do recorte metodológico, busca resgatar o Jesus que viveu na Palestina durante o século I. Um judeu marginal, conforme acentua Meier (1992), e iletrado, conforme a perspectiva crítica de André Chevitarese (2014; 2023), que foi crucificado por Roma por cometer o crime de “zelo” pelo Templo, na visão de Aslan (2013).

O termo “Jesus Cristo” aponta à figura religiosa que é central no Cristianismo. Este, pela visão teológica, é o Filho de Deus, conforme demonstra Lisboa (2001), o Deus encarnado e o dito Messias aguardado pelos judeus, aquele que morreu na cruz como maldito para redimir a humanidade de seus pecados e delitos, e ressuscitou dentre os mortos. Essa é a figura central na qual toda a fé cristã se baseia.

⁴ Fé aqui adota o sentido de tradição, repetida uma e outra vez em ‘nossa’ tradição, conforme acentua Lisboa (2001, grifo nosso).

Ainda sobre o uso do termo “entrecruzamento” para me referir ao intercâmbio epistemológico entre as pesquisas sobre o Jesus histórico e o Jesus Cristo da fé, estou me referindo à relação mútua e indissociável entre a figura histórica e a figura baseada em crenças religiosas e doutrinas, como demonstro acima. Pode-se apontar inúmeras perspectivas que mostram como essas questões, ou melhor, como essas duas figuras, a física e a metafísica, se relacionam. E por quais razões (históricas; éticas; teológicas) elas se constituem, assim como fez Lisboa (2001), possibilitando uma melhor compreensão desses empreendimentos.

A FIGURA “FILTRADA” DO TEXTO DOS EVANGELHOS

Fiquemos dispostos a tratar de forma brevíssima sobre três visões: a tradicional, a da teologia cristã e a visão crítica. Pois é a partir delas que julgamos constituir um estudo que serve como porta de entrada para tratar, em primeiro momento, da figura “filtrada” dos textos dos Evangelhos e, logo após, sobre a questão do entrecruzamento entre o Jesus histórico e o Jesus Cristo da fé.

Na introdução deste artigo, comecei demonstrando que o principal interesse da pesquisa comprometida com o estudo histórico sobre Jesus não está relacionado com a história da teologia, com a teologia da história e nem com a reconstituição do cristianismo primitivo. Entretanto, o estudo histórico está pautado no “entrecruzamento” entre o Jesus histórico e o Jesus Cristo, como uma forma de “filtrar” dos textos dos Evangelhos essa suposta história, envolvendo a aplicação de métodos históricos guiados pelo estudo multidisciplinar, para que se torne possível – seja como for – estabelecer aproximações sobre quem foi o Jesus de Nazaré.

Sua figura, mesmo sob uma variabilidade de reconstruções, é em sua maioria filtrada dos textos dos Evangelhos. Embora alguns estudiosos sigam por esse caminho e considerem os Evangelhos como fontes históricas valiosas para o estudo do Jesus histórico, essa prática não é universal no meio acadêmico. Isso porque, segundo a crítica desses estudiosos “do outro lado da margem”, os textos dos Evangelhos não passam de uma narrativa distorcida ou adulterada (no sentido de adições) que não traz a tradição dita oficial transmitida pelas primeiras comunidades cristãs.

À vista disso, segundo minha perspectiva, pode-se imaginar outros três fatores para tal julgamento crítico em relação aos Evangelhos: a não contemporaneidade das fontes, já que

os Evangelhos foram escritos longas décadas após a morte de Jesus; e o fato de existirem fontes alternativas, como, por exemplo, as descobertas arqueológicas, os achados de *Qmram*⁵, entre essas fontes estão as extracanônicas, os apócrifos e escritos de outros historiadores romanos e judaicos da época. O terceiro fator⁶ é um movimento que reúne pesquisadores do Novo Testamento, surgido nos anos 80 nos Estados Unidos, cuja proposta é reler os quatro Evangelhos e o Evangelho de Tomé (Schiavo, 2009, p. 32). Esse movimento transita entre formas distintas de interpretação teológica, onde, sem qualquer anacronismo, "comparo" o olhar crítico dos Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) com o de teólogos da nossa Era. Isso implica somente no que se possa dizer a respeito de discernir a narrativa teológica, ou seja, interpretar os textos dos Evangelhos como escritos com fundamentos históricos ou teológicos. Consequentemente, isso não os coloca somente como documentos teológicos, mas também como registros históricos narrados segundo a percepção da comunidade cristã da época.

Há quem diga que a visão tradicional é aquela característica de muitos cristãos, que interpreta o Jesus histórico e o Jesus Cristo como sendo uma única pessoa. Todavia, quando o termo "Jesus histórico" está em evidência no contexto cristão, muitos se confundem e até estranham, pois não conseguem assimilar a quem esse termo se refere. E não é de se espantar com tal consulta e aferição nesse contexto religioso, pois o Jesus histórico se apresenta a eles como um desconhecido, um “ser” inimaginável, quando não um inexistente, inventado pelo “meio secular”.

Já a visão da teologia cristã transita, em certo ponto, entre o conhecimento científico da existência da humanidade de Cristo, baseado tanto numa relação histórica quanto religiosa. Portanto, para os teólogos cristãos, não há uma negação da realidade humana de Jesus, e muito menos negam a relação entre ambos, pois atribuem eventos da vida humana de Jesus como sendo eventos que podem ser examinados e interpretados à luz da fé cristã. Há uma significância nos eventos atribuídos à vida de Jesus para a teologia cristã, sobretudo pelo fato dele ter adotado a forma de homem, de ter se tornado carne e habitado entre “nós”, conforme consta no Evangelho Segundo João 1:14.

⁵ Consultar Chevitarese (2016).

⁶ No ínterim dele, está a aplicação dos métodos histórico-críticos. Que sob sua aplicação, levam os pesquisadores(as) a examinar os textos dos evangelhos através de um olhar crítico. Vale relembrar o *Jesus Seminar* (O Seminário de Jesus), que surgiu no contexto da terceira etapa da pesquisa pelo Jesus histórico (*Third Quest*), sob patrocínio do *Instituto Westar*, formado em 1985, a fim de “renovar” a busca pelo Jesus histórico, conforme acentua Schiavo (2009).

No entanto, é nos gabinetes pessoais e salas de estudo que a distinção entre o Jesus histórico e o Jesus Cristo da fé é feita, de forma epistemológica, sob pressupostos metafísicos e lógicos, a fim de traçar percursos analíticos através de elementos totalmente históricos que se possa examinar da vida de Jesus, principalmente através dos textos dos Evangelhos. A visão crítica é a engrenagem da "parada", como dito popularmente. É ela, e através dela, que o Jesus histórico é filtrado desses textos religiosos. Pesquisadores e pesquisadoras interessados pela temática buscam estabelecer separações entre ambos de forma refinada, com base em seus interesses. Compete à pesquisa acadêmica examinar eventos históricos sobre a vida de Jesus a fim de “reconstruir” sua vida, seu contexto e até seus ensinamentos, valendo-se de evidências materiais e imateriais disponíveis.

Revela-se então uma figura única, um corpo científico destituído de fé e tradições religiosas, cuidadosamente construído segundo uma abordagem precisa da pesquisa histórica, que se empenha em considerar fatores como o contexto cultural, religioso, político e histórico no qual Jesus de Nazaré possa ter vivido. Na tarefa de extrair uma compreensão histórica dos textos dos Evangelhos, mantendo um certo distanciamento do que é interpretado com fundamentos de crenças, o Jesus histórico vai surgindo, independentemente do recorte e construção, já que os estudiosos podem alcançar distintas conclusões sobre ele. Mesmo que estas sejam diferentes, muitos consideram que aplicar essa técnica da perspectiva crítica é o caminho mais proveitoso a seguir.

Vale ressaltar que o estudo sobre o Jesus histórico sempre revelará um Jesus “diferente” entre os diversos estudos. Isso porque o termo "Jesus histórico" engloba não apenas aspectos históricos da pesquisa científica, mas possibilita janelas investigativas diversas, embora o princípio seja o mesmo, ou seja, partindo do exame crítico das fontes disponíveis, sobretudo dos textos dos Evangelhos. O Jesus histórico de “seu” pesquisador refletirá sempre as ambições deste que busca encontrar nele, em Jesus, aquilo que almeja.

À vista disso, o retrato discursivo, quer dizer, a reconstrução, pode resultar num Jesus grande demais e humilde demais para o seu povo, conforme a perspectiva de Borchert (1990); um Jesus leigo e pobre, transformado em profeta e mestre, um judeu marginal e camponês palestino, como visto em Meier (1992); ou um exorcista e curandeiro, talvez até um camponês sem importância que viveu no Mediterrâneo do século I, na concepção de Crossan (1994). Mas também sob um recorte mais político, sendo um revolucionário judeu

fervoroso, camponês galileu zeloso e judeu nacionalista, libertador e zelota, na visão de Aslan (2013).

Assim, embora alguns estudiosos se esforcem movidos pelo desejo de “separar” o Jesus histórico do Jesus Cristo da fé, ambos sempre serão duas metades de uma única essência. Todavia, epistemologicamente, tal divisão é possível. Contudo, essas duas figuras estão profundamente interligadas através de eventos característicos da vida de Jesus de Nazaré, que podem ser interpretados tanto à luz da fé cristã quanto por métodos histórico-críticos. Aí está o motivo de não ser possível tal separação entre ambos, uma vez que os textos dos Evangelhos continuam sendo fontes valiosas para a busca do conhecimento sobre o Jesus histórico.

Para encerrar esta parte, vamos retomar algumas questões para que sejamos melhor compreendidos. Quando nos recordamos que estamos atrás, ou melhor, à procura (pesquisa) do judeu que viveu no século I na Palestina antiga, o camponês⁷, o marginal e marginalizado pela sociedade, propriamente pela província marginal do Império Romano (MEIER: 1992, p. 77), pode parecer que estamos num caminho sem passagem ou que esta seja relativamente estreita. No entanto, nos deparamos com a importância e relevância de tal empreendimento, que nos faz conjecturar até que ponto – se é que seja possível dizer isso – o Jesus de Nazaré se “autoapresenta” da forma mais petulante que se possa retratar, ou melhor, imaginar. Isso porque nos deparamos com um personagem que marcou de forma única a história da humanidade e que, a nossos olhos modernos, foi ímpeto e audacioso por supostamente e diretamente ter sua mensagem direcionada ao povo da região da Baixa Galileia, onde sua morte⁸ coroou a sua vida (Charlesworth, 1992, p. 20).

Não almejamos um debate teológico ao fazer tais questionamentos. Todavia, como já apontamos anteriormente em outras palavras, a história científica de Jesus não deve deixar de considerar as passagens relevantes do Novo Testamento – embora seja impossível, segundo Charlesworth (1992), produzir uma vida de Jesus através deles. E isso se dá pelo fato de os Evangelhos não estarem primariamente interessados ou retratando um Jesus como uma pessoa do passado (p. 28). São textos que herdaram tradições; contudo, não deixemos de reco-

⁷ De acordo com Meier (1992) “camponês” não deve ser entendido no sentido moderno americano que diz respeito à fazendeiro, ou a um empresário rural que trabalha num tipo específico de atividade que visa à obtenção de lucro. Mas sim, como alguém que apenas cuida da subsistência familiar (p. 277). O sentido de atividade diz respeito à empresa na compreensão moderna, e o único empreendimento de Jesus de Nazaré foi estabelecer o Reino de Deus na Terra como o tal, longe de acepções econômicas ou ocupando propriamente dito uma posição produtiva.

⁸ Sinalizo a relação com Bultmann (1884-1976), onde em sua perspectiva aqui centra-se o fundamento da causa da fé cristã, ou seja, no Calvário.

nhecer os testemunhos históricos contidos neles sobre o Jesus de Nazaré e o que disseram sobre ele, embora este não tenha sido o objetivo dos autores dos textos religiosos, a saber, dos Evangelhos.

O Jesus histórico que emerge na produção científica pós-anos 1980 é um judeu característico da Palestina antiga do século I. Entretanto, é nesse mesmo contexto que resgatamos o que Schweitzer apontou no início dos anos 1900 ao publicar sua obra que, pela corrente da teologia liberal, demonstrou as “vidas” de Jesus nesse contexto de criticidade. Quando coloco “vidas”, estou chamando a atenção exatamente àquilo que Schweitzer quis demonstrar, ou seja, ao grande fracasso da pesquisa do Jesus histórico devido ao fato de os primeiros pesquisadores, ou seja, teólogos alemães, apenas se autorretrataram através da imagem do que seria o Jesus histórico. O fato é que, nesse momento, ele não passava de reflexos, de autorretratos emoldurados pelas ideias pessoais dos autores. A construção da personalidade de Jesus retratava elementos suficientes para destacar o verdadeiro impulso daquele que dava sentido às palavras no texto.

Sob nossa perspectiva, estimamos que reconstruir um retrato ou uma figura de Jesus totalmente afastada das conjecturas e de construções éticas seria alcançar um nível muito afastado, talvez até impossível, inclusive, nem a própria crítica histórica foi capaz de fazer. Contudo, vale a pena a tentativa.

Deixei para retomar a questão do querigma (*Κερίγμα*)⁹ mais ao final pelo fato de, a meu ver, ele se apresentar como uma questão muito pertinente desde a fase moderna da pesquisa. É claro que nosso objetivo não se perde quando tocamos na cristologia, embora pareça. Entretanto, quando tratamos do Jesus histórico, inevitavelmente o debate da cristologia se apresenta como de enorme importância para um caminho que seja mais possível de ser delineado, ou melhor, trilhado. Portanto, propomos, longe da intenção de dar conta de tudo teoricamente ou empiricamente, finalizar esta parte com uma brevíssima explanação acerca do Jesus querigmático e da pesquisa do Jesus *querigmático*¹⁰ e da pesquisa do Jesus histórico.

À vista disso, estamos certos de que os Evangelhos contam com narrativas religiosas sobre um ser religioso supramundano. Sua natureza, como se apresenta nos textos, é tão

⁹ Palavra grega que significa mensagem, proclamação. Traduzida pelo Dicionário digital Grego-Português da UNESP. Disponível em: <http://perseidas.fclar.unesp.br/3x/search?pattern=Κερίγμα>. Acesso em 13 marc. 2024.

¹⁰ Este não é o histórico, mas é o *testemunhado* pelo Novo Testamento, aquele que nos defrontamos em primeiro momento ao tomar o texto evangélico (Nogueira *apud* Chevitarese, 2009, pp. 69-81).

divina quanto terrena, e tal separação só é possível no plano teórico. Parafraseando, o Jesus de Nazaré foi o Messias, o enviado por Deus (Cornelli *apud* Chevitarese, 2009, pp. 39-55), aquele que firmou o ministério e o Reino de Deus na Terra. Segundo os relatos, ele é o Deus encarnado¹¹. Contudo, ele também foi o homem marginalizado pela sociedade, o camponês da Galileia rural, que veio aos pobres, aos leigos, aos ricos, a quem decidisse aderir à sua mensagem. Portanto, reconstruir historicamente seu retrato é seguir por uma interpretação das teias narrativas religiosas, canônicas, extracanônicas, arqueológicas ou apócrifas, etc., que constroem e, por outro lado, deixam de construir um quadro razoavelmente coerente e produtivo pautado em quem ele possivelmente tenha sido num determinado tempo com base nas fontes. E não o que convém dizer sobre ele.

O querigma (*Κήρυγμα*) é o Jesus anunciado pelos Evangelhos, ou seja, a proclamação do cristianismo, como lembra Meier (1992, p. 37). O que está em questão aqui é o fato de sua morte na cruz ser o suficiente para a fé cristã. A anunciação do querigma, embora entendida e demarcada posteriormente, a entendemos como sendo o liame entre o Jesus de Nazaré e o Jesus Cristo no que diz respeito à pesquisa sobre o Jesus histórico. Sob nossa perspectiva, a pesquisa do Jesus histórico conta com uma restrição do que é possível reconstruir, tendo em vista esse ponto “x” (estou me referindo ao querigma) entre tais dois extremos (o Jesus histórico e o Jesus Cristo). Isso porque trata-se, na verdade, de entendermos essas extremidades, num certo sentido, quando a narrativa que se refere à tradição de Jesus exprime uma dupla personalidade no texto dos Evangelhos, ou seja, “[...] o Reino de Deus está no meio de vós” (Lucas 17:21). O que chamo de dupla personalidade nos textos é basicamente o que o movimento do Seminário de Jesus (*Jesus Seminar*)¹² considerou fazer, ou seja, através da investigação histórica, extrair dos textos religiosos – dos Evangelhos – atos e ditos (palavras) que fossem a respeito do Jesus de Nazaré, do homem.

Entrementes, Luigi Schiavo (2009) sobre o Jesus Seminar, afirmou que este surgiu no contexto da terceira “onda” da pesquisa do Jesus histórico. Esse é um movimento composto por pesquisadores do Novo Testamento, que surgiu nos alvares dos anos 80 nos Estados Uni-

¹¹ “Tendo, portanto, um Sumo Sacerdote eminente, que atravessou os céus: Jesus, o Filho de Deus, permaneçamos firmes na profissão de fé. Com efeito, não temos Sumo Sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hebreus, 4.14-15), *Bíblia de Jerusalém*, Paulus, 2019.

¹² Um movimento que reúne pesquisadores do Novo Testamento, surgido nos anos 80 nos Estados Unidos, cuja proposta é reler os quatro Evangelhos e o Evangelho de Tomé (Schiavo, 2009, p. 32).

dos, patrocinado pelo Westar Institute (p. 31), cujo objetivo era avaliar o grau de autenticidade dos “ditos” e “atos” do Jesus histórico e, em segundo plano, da tradição de Jesus. Embora com suas particularidades, podemos estimar que o Jesus Seminar é uma outra roupagem do método crítico, como já apontamos anteriormente. Isso pelo fato de ambos se aproximarem no que diz respeito ao objetivo principal, que se dá num estudo crítico dos textos dos Evangelhos; porém, esse primeiro passou a isolar as palavras que supostamente foram, quer dizer, podem ser interpretadas como proferidas pelo Jesus de Nazaré, bem como aquilo que ele possa ter realmente feito. No entanto, concordamos com Meier que “[...] o historiador fica com a difícil tarefa de peneirar a tradição histórica existente nos quatro Evangelhos” (Meier, 2003, p. 21).

A pesquisa do Jesus histórico, ou melhor, o processo de aquisição de conhecimento sobre o Jesus de Nazaré é um trabalho que pretende constituir um retrato de um Jesus longe dos supostos falseamentos da Igreja. A partir de Theissen e Merz (2015), concluímos que a fase da fé pós-pascal de Jesus relembra toda a trajetória do ensino de Jesus até a cruz – momento que revela o querigma – na tradição. Tal questão surgiu no círculo dos discípulos de Bultmann, que questionaram sobre a base na pregação pré-pascal de Jesus partindo do querigma. Desse modo, os autores demonstram que o querigma “[...] se apoia numa figura terrena e fala dela como de uma figura terrena nos evangelhos” (pp. 25-26).

Portanto, por fim, vale destacar que, se o querigma é o “acesso” a Deus, o Jesus histórico é o que seria uma conjectura a uma realidade vivida numa época antiga. Ao final, tudo está correlacionado com tudo. Todavia, o Jesus histórico, cuja figura é reconstruída por pesquisadores(as), pode ser o acesso a Deus; porém, o querigma não está inserido na imaginação histórica de que ele dá acesso a uma vida terrena. Tal visão se pauta na argumentação de que a tradição de Jesus cai na condição de relatos de experiências formulados para dar base ao ministério do fundador do cristianismo primitivo.

UM “ENTRECruzAMENTO” ENTRE O JESUS HISTÓRICO E O JESUS CRISTO

A fim de tratar do que chamo de entrecruzamento entre o Jesus histórico e a figura do Jesus Cristo da fé, devemos, em primeiro momento, afirmar que se trata de um vantajoso intercâmbio epistemológico. Ou seja, um diálogo entre a pesquisa histórica e a fé cristã através da

tradição teológica sobre Jesus, produzindo uma história ao contrário da figura cristã. Contudo, pode-se dizer, em termos gerais, que a figura histórica também é de natureza religiosa, embora não estritamente revelada sob crenças e dogmas como o Cristo da fé, mas sim segundo critérios históricos.

São limites epistemológicos que precisamente se apresentam como necessários para estabelecer tanto as distinções quanto as aproximações. Dessa forma, há momentos em que as questões de fé se chocam com as questões históricas e, em certa medida, podem até se confundir ou entrar em conflito devido ao fato de moldarem ambas as visões. Um exemplo disso é o fator da dupla personalidade de Jesus, a histórica e a religiosa, que por muito tempo tentou separar o Jesus histórico do Jesus Cristo e distanciá-los sem admitir sua unificação como uma dupla personalidade. Após tanto esforço para distinguir, a conclusão é que são inseparáveis.

Por outro lado, vale ressaltar o evento da crucificação, historicamente aceito tanto por estudiosos religiosos quanto por historiadores. Para os historiadores, tal aceitação se baseia nas razões de ser um fato histórico com motivações políticas características da Roma Antiga, como forma de punição para crimes considerados graves perante a autoridade romana, que governava soberanamente a Judeia durante o primeiro século d.C. Além dos relatos nos evangelhos sobre a crucificação, há algumas referências adicionais à crucificação de Jesus presentes em fontes não cristãs¹³. Desse modo, este evento é fundamentalmente um forte elemento histórico que molda e dá consistência tanto à vida do Jesus histórico quanto à do Jesus Cristo da fé. Outro fator primordial capaz de justificar este entrecruzamento entre o Jesus histórico e o Jesus Cristo da fé é o conhecimento do contexto histórico e político da Judeia antiga, que recebe a atenção de estudiosos religiosos e historiadores quando se busca "conhecer" o Jesus histórico.

O erudito católico romano John Piper Meier seguiu esta proposta para estruturar a fenomenal coletânea "Um Judeu Marginal: Repensando o Jesus Histórico", dividida em cinco volumes onde reconstrói a figura histórica através de uma análise crítica dos textos do Novo Testamento, bem como de outras fontes históricas e literárias da época. Todavia, sua abordagem valoriza nitidamente a ênfase na historicidade de Jesus, deixando um pouco de lado as contribuições teológicas dos textos do Novo Testamento.

¹³ A exemplo, em *Antiguidades Judaicas*, de Flávio Josefo, apologista e historiador romano.

Embora bastante influenciado pelo viés teológico, Meier busca através de uma abordagem baseada em critérios históricos, equilibrada e com muita erudição, apresentar um retrato histórico mais fiel e aproximado do Jesus de Nazaré e seu contexto, mesmo considerando as limitações da pesquisa do Jesus histórico pelo viés teológico. É um estudo indispensável e de grande contribuição sobre o Jesus histórico. No entanto, Meier escreve em um patamar erudito que exige um alto nível de conhecimento do leitor, sendo pioneiro nos estudos sobre essa temática, direcionando seu método de abordagem a um público que já possui uma longa caminhada de pesquisas e leituras sobre o Jesus histórico. Contudo, com pausas e uma leitura cuidadosa, é possível acompanhar a figura informada de Jesus de Nazaré na perspectiva de Meier.

Por outra perspectiva, John Dominic Crossan, embora teólogo, em sua obra "O Jesus Histórico: A Vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo", 2009, desconsidera em sua narrativa aspectos divinos de Jesus, buscando elaborar uma figura de Jesus focando principalmente em sua identidade política e social, o que pode parecer divergente da perspectiva e das expectativas dos cristãos, que valorizam a dimensão espiritual de Jesus Cristo.

Dessa forma, a contribuição de Crossan, quando comparada à de Meier que mencionamos, é mais valiosa para os estudos acadêmicos, uma vez que sua ênfase se dá nas estruturas de poder e sociais da época de Jesus, consideravelmente distantes de narrativas e interpretações tradicionais e religiosas, ou seja, ortodoxas. Já o estudo de Meier não perde sua validade nesse mesmo contexto. Embora sua ênfase também seja na historicidade de Jesus, o que é forte em sua narrativa, ele adota uma postura mais conservadora em relação à historicidade dos relatos do Novo Testamento, examinando-os de forma cuidadosa. Enquanto Crossan, por outro lado, desafia essas interpretações tradicionais e se concentra no contexto social e político da Palestina no tempo de Jesus. Além disso, Crossan questiona a historicidade de certos eventos tradicionalmente relacionados a Jesus, como os milagres e a ressurreição.

Ainda sobre o estudo do Jesus histórico baseado na compreensão do contexto histórico, cultural, religioso e político da Galileia e da Palestina do século I, vemos que vários estudiosos contribuíram para a busca desse conhecimento, valendo-se desse princípio metodológico. Observa-se que, nesses estudos, há uma devida atenção aos textos do Novo Testamento, especificamente aos Evangelhos, guiada pelo viés histórico e crítico.

Sem entrar em detalhes sobre essas obras, pois exigiria muitas páginas para tratá-las, cito apenas alguns autores que seguiram essa perspectiva. Eles consideraram que os textos

dos evangelhos fornecem insights para a busca do conhecimento sobre o Jesus histórico, a partir do contexto da Galileia rural e da Palestina do século I d.C. São eles André Leonardo Chevitarese (2023), E. P. Sanders, Freyne (2008), Geza Vermes, John Piper Meier, John Dominic Crossan (1996), Martin Hengel, N.T. Wright. Estes são exemplos de inúmeros estudiosos que se atentaram, em seus estudos, aos credenciais históricos como pano de fundo no estudo sobre o Jesus histórico.

O entrecruzamento característico da pesquisa sobre o Jesus histórico e o Jesus Cristo da fé ocorre através dos textos dos evangelhos, de forma crítica, não apenas investigando os eventos da vida de Jesus de Nazaré que envolvem também seus ensinamentos, mas através do que eles permitem mensurar sobre ambos. A interpretação e o suposto significado desses eventos avaliados dentro do contexto da fé cristã são cruciais para entender a figura de Jesus de Nazaré, quando o estudioso opta por não desconsiderar drasticamente os textos dos evangelhos.

Embora essas duas figuras possam parecer divididas por águas distintas, há um entrecruzamento operando e guiando os estudos. É um processo complexo que articula a interação acadêmica, ou seja, as investigações acadêmicas sobre a historicidade de Jesus e os ensinamentos do Jesus de Nazaré dentro das interpretações que são tradicionais e teológicas sobre a figura do Cristo.

Em última análise, o entrecruzamento característico da pesquisa sobre o Jesus histórico e o Jesus Cristo da fé corresponde, por um lado, à complexidade da figura de Jesus na tradição cristã. Por outro lado, refere-se aos insights dessa narrativa tradicional que contribuem significativamente para a pesquisa do Jesus histórico, oferecendo elementos autênticos sobre os ensinamentos de Jesus e o ambiente em que supostamente ele viveu e que podemos conjecturar. Contudo, este último é avaliado exclusivamente através de métodos histórico-críticos da pesquisa acadêmica, que não têm como objetivo promover a fé cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou o entrecruzamento entre a pesquisa histórica e religiosa de Jesus, buscando melhor compreender o "limite" epistemológico entre elas, bem como suas aproximações e a figura "filtrada" dos textos dos evangelhos que emerge da crítica à narrativa tradicional da teologia cristã. Ao final, busquei categorizar esse entrecruzamento, demonstrando o

eventual intercâmbio epistemológico que pode ser considerado através de fatores que julguei primordiais para a intersecção entre o Jesus histórico e o Jesus Cristo da fé no contexto acadêmico. Pode-se encontrar um Jesus da história destituído de toda crença religiosa. No entanto, não é possível sustentar um Jesus histórico independentemente do Jesus Cristo da fé, nem vice-versa.

REFERÊNCIAS

ASLAN, Reza. Zelota: A vida e a época de Jesus de Nazaré. Tradução Marlene Suano. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Paulus, 2019.

CHARLESWORTH, James H. Jesus dentro do Judaísmo: novas revelações a partir de estimulantes descobertas arqueológicas. Tradução Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992. (Coleção Bereshit).

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele (org.). A descoberta do Jesus histórico. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção quem dizem que sou?).

CHEVITARESE, André Leonardo. Jesus de Nazaré – O que a História tem a dizer sobre ele. 1. ed. Rio de Janeiro: Menocchio, 2023.

CHEVITARESE, André Leonardo; FUNARI, Pedro Paulo. Jesus histórico: uma brevíssima introdução. Rio de Janeiro: Klíne, 2016.

CROSSAN, John Dominic. O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994. (Coleção Bereshit).

FREYNE, S. Jesus, um judeu da galileia: nova leitura da vida de Jesus. São Paulo: Paulus, 2008.

Κερίγμα. In: GREEK-PORTUGUESE DIGITAL DICTIONARY. Dicionário Digital Grego-Português UNESP/Araraquara (DDGP)/ Greek Portuguese Digital Dictionary. Disponível em: <http://perseidas.fclar.unesp.br/3x/search?pattern=%CE%9ACE%B5%CF%81%CE%B9%CE%B3%CE%BC%CE%B1>. Acesso em: 13 mar. 2024.

LISBOA, Walter. A pesquisa do Jesus histórico. Revista de Cultura Teológica, n. 34, p. 51-80, 2001. ISSN (impresso) 0104-0529. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/24146>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MEIER, Jonh Piper. Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico. Tradução Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992. (Coleção Bereshit).

SCHIAVO, Luigi. A Busca pelas palavras e atos de Jesus: O Jesus Seminar. Caminhos – Revista de Ciências da Religião, v. 7, n. 1, pp. 29-53, 2009. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/1196>. Acesso em: 13 mar. 2024.

ABSTRACT:

In this paper, I seek to address the question posed in the title: "Is there an intersection between the Historical Jesus and the figure of Jesus Christ?" To do this, I indirectly set aside a substantial body of recent theoretical literature on the topic, using a less technical and more descriptive writing style for this objective study, in spite of addressing important theoretical foundations that will help us understand the epistemological "boundary" between the two, namely, between the physical and the metaphysical. Thus, we focus our discussion on the "filtered" figure from the Gospel texts, which can be assessed based on critical historical-philosophical concepts applied to the Gospel texts. These refer to Jesus Christ, a figure shrouded in dogma and distanced from the humanity of Jesus, but one that enables academic reconstructions.

Keywords: Historical Jesus; Jesus Christ; Physical; Metaphysical.

Recebido em 14/03/2024

Aprovado para publicação em 09/04/2024